

**CORNELLI, G. Platão. *Fédon ou Sobre a alma*.
SP: Penguin-Companhia das Letras, 2025.**

O presente volume é uma contribuição importante para a História da filosofia no Brasil, que ainda carece de traduções comentadas e anotadas dos diálogos de Platão. Nesse sentido, ele se soma aos esforços recentes para oferecer traduções rigorosas acompanhadas de estudos aprofundados das obras de Platão. Por essas duas razões principais, este volume tem futuro promissor como referência nos Estudos Platônicos.

Gabriele Cornelli assina tradução, introdução e notas; trata-se de iniciativa coerente com sua atuação acadêmica, já que o autor e tradutor tem publicado artigos, organizado congressos, ministrado seminários e cursos públicos sobre o *Fédon* em universidades, tendo participado de lançamentos e debates sobre esta tradução tanto no meio universitário quanto em ações de extensão vinculadas a essa publicação.

Para estudantes de filosofia antiga, professores, pesquisadores ou simplesmente leitores interessados em Platão, esta edição de Cornelli é uma aquisição recomendável: oferece tradução cuidadosa, aparato explicativo generoso e uma introdução que concilia contexto histórico, hermenêutica filosófica e articulação com a contemporaneidade (*vide* a introdução, p. 7-10). Para leitores que buscam uma edição de bolso, a um só tempo acessível e academicamente robusta, trata-se de uma opção de referência para bibliotecas e disciplinas de graduação e pós-graduação.

Quanto à apresentação editorial, é preciso ressaltar que a edição é bem calibrada tanto para o mercado acadêmico quanto para leitores cultos: ocupa 296 páginas, em formato de bolso da coleção, e reúne, junto à tradução, breve introdução e notas extensivas – um aparato que pretende ser simultaneamente

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). vitormilione@gmail.com

didático – com linguagem clara, fluida e acessível para um público variado –, filosófico – com a abordagem de conceitos e problemas interpretativos – e filológico – incluindo sobretudo questões de semântica e de tradução. O volume aparece como lançamento da coleção *Clássicos*, o que explica a atenção ao design e à parca aparição de materiais auxiliares destinados a leitores não especialistas. Ainda assim, à guisa de contexto, o volume oferece, na primeira página, uma breve biografia de Platão e, na parte final da introdução (p. 65-70), uma lista com detalhes biográficos dos personagens do diálogo. Além disso, contém uma concisa introdução – em cuja primeira parte (p. 7-18) o tradutor oferece um comentário geral; já na segunda parte o volume nos brinda com um comentário mais detalhado que se segue às seções da própria tradução (p. 23-70); o volume contém igualmente uma bibliografia exaustiva e uma divisão do diálogo em seções temáticas, o que faz deste livro uma excelente ferramenta de pesquisa para estudantes e acadêmicos em Filosofia e Estudos Clássicos. A qualidade gráfica e a revisão tipográfica acompanham o padrão da coleção, sem deslizes aparentes.

Ainda no quesito forma, talvez o especialista em filosofia antiga sinta falta do texto grego em paralelo à tradução – como em algumas edições da tradução de Carlos Alberto Nunes –, bem como de um índice remissivo com nomes próprios, conceitos e termos-chave, cuja presença teria contribuído ainda mais para o valor do volume como recurso de pesquisa. Por outro lado, trata-se decerto de uma escolha editorial consciente, na medida em que esta não é a proposta da coleção. A edição adota a tradição das traduções comentadas – tradução principal em corpo contínuo rematada por notas finais substanciais e bibliografia atualizada que demonstram domínio pleno do *status quaestionis*. Ela é, portanto, adequada tanto para leitura contínua e literária – isto é, sem a intenção imediata de dissecar o diálogo tecnicamente ou de usá-lo como material de consulta pontual – quanto para leitura de consulta – típica de quem vai diretamente a um argumento específico (anamnese, afinidade, argumento final etc. –, ou ainda para leitura técnico-analítica – própria de seminários, em que o texto é interrompido constantemente por notas e discussão filosófica e/ou filológica. Nesse sentido, o uso abundante de notas explicativas facilita muito a leitura detida do diálogo, bem como o uso docente e científico do volume.

Do ponto de vista puramente textual, a tradução de Cornelli procura uma língua clara e moderna, com vocabulário acessível ao leitor em português contemporâneo – sem, contudo, sacrificar termos técnicos que o leitor especializado espera encontrar. Por conseguinte, o tradutor assume integralmente, na

introdução, mas principalmente no seu próprio trabalho de versão, a ideia de uma “tradução bárbara de Platão” (p. 18-23), ou seja, que mantém as ricas ambiguidades e os, por vezes frustrantes, não-ditos do filósofo ateniense. Onde o grego exige termos como ψυχή, σωφροσύνη, ἀρετή, ἀνάμνησις, φρουρά, μελέτη, εἶδος, μῦθος etc., Cornelli costuma conservar alcunhas técnicas ou traduzi-las com precisão explicativa nas notas, onde também figuram justificadas as demais opções de tradução. Além disso, percebe-se claramente o esforço por parte do tradutor em valorizar a leitura filosófica no sentido “antigo”, ou seja, em que o diálogo é acolhido como uma experiência formativa, terapêutica e quicá catártica, o que é especialmente apropriado ao *Fédon*, dado não apenas o seu enquadramento dramático e a sua “veemência emotiva” (nas palavras do próprio tradutor, p. 10), mas também seu caráter eminentemente (asc)ético, edificante e espiritual. Nessa perspectiva, se comparada com as duas traduções do diálogo para a língua portuguesa – a de Carlos Alberto Nunes (1980) e a de Maria Teresa Schiappa de Azevedo (1988) – a tradução comentada de Cornelli faz-se mais atualizada para o público brasileiro, não apenas em termos de linguagem, mas também de bibliografia e notas explicativas.

Quanto ao conteúdo – e mais precisamente à interpretação do diálogo – Cornelli segue a tradição exegética estabelecida, enfatizando que o *Fédon* é essencialmente um diálogo sobre a morte e a imortalidade da alma; por outro lado, ele traz uma nuance da qual pouco se fala, mas que está presente de forma patente no texto platônico: trata-se também de um diálogo sobre o corpo, na medida em que, como sublinha Cornelli ao longo de toda a introdução do volume, é a partir de e pelo corpo de Sócrates que todas as temáticas do diálogo se desenrolam. Estruturado como relato do jovem Fédon sobre as últimas horas de Sócrates, o diálogo articula cinco movimentos argumentativos acerca da imortalidade comentados sucintamente pelo tradutor na introdução ao volume: (1) o argumento dos contrários ou cíclico, que estabelece o retorno das almas à Terra, (2) o argumento da reminiscência ou da anamnese, que mostra a existência da alma antes de sua encarnação no corpo, e onde as Formas inteligíveis aparecem pela primeira vez no diálogo, e (3) o argumento da afinidade, mostrando que alma e corpo participam tanto do inteligível e imortal quanto do sensível e mortal. Há ainda o famoso (4) “argumento final” – de caráter mais marcadamente metafísico – que conclui por uma visão mais sistemática da alma articulada com a doutrina das Formas inteligíveis. Por fim, (5) há também o mito do *post mortem*, onde Platão sinaliza para a possibilidade de se escapar do ciclo de encarnações. Esses núcleos são preservados e bem evidenciados na tradução e nos comentários de Cornelli, que

dá atenção tanto à clareza argumentativa quanto à carga emotiva da narração, por exemplo, a serenidade de Sócrates diante da morte em contraste com os excessos de Xantipa e a tristeza dos seus companheiros.

Do ponto de vista interpretativo, Cornelli equilibra uma leitura histórica – que contextualiza práticas funerárias, crenças religiosas, visões pré-platônicas da alma e o ambiente ateniense do processo contra Sócrates – com uma leitura filosófica que enfatiza a centralidade ética do diálogo, sobretudo a relação entre conhecimento e filosofia como prática de vida. A introdução procura situar o leitor: não apenas explicita os termos-chave do argumento platônico, mas também discute problemas hermenêuticos que atravessam a recepção do *Fédon*. Essa combinação torna a edição valiosa, conforme dissemos, tanto para leituras introdutórias quanto para debates avançados em seminários.

Quicá a maior contribuição hermenêutica do autor seja minimizar o Platão metafísico – isto é, menos comprometido em provar cabalmente a existência e a pertinência da “Teoria das Ideias” – em favor de um Platão mais ético – isto é, mais preocupado com a transformação moral dos seus discípulos; neste ponto, Cornelli faz-se fiel a vertentes hermenêuticas como as de Giovanni Casertano; tais leituras se alinham, de modo mais geral, com a perspectiva de uma filosofia platônica como forma de vida: nem dogmática, nem estritamente cética, mas cujos aspectos epistemológicos e metafísicos estão a serviço da criação e da propagação de um *éthos* filosófico.

Do ponto de vista crítico, a edição pode ser descrita a partir de algumas características centrais, tanto no que diz respeito às suas virtudes quanto aos seus limites. Entre seus principais méritos está o equilíbrio bem-sucedido entre precisão filológica e fluidez em português brasileiro com ênfase na oralidade, o que talvez desagrade a especialistas de vertente mais tradicional. Seja como for, Cornelli justifica adequadamente a sua escolha da “tradução bárbara”, mencionada acima, a partir da própria *Apologia* platônica (17c), onde Sócrates enfatiza que seu discurso será o mesmo que usa hodiernamente, imagem essa que reverbera também nas *Memoráveis* de Xenofonte (I, 1, 4; IV, 7, 1), onde se enfatiza que Sócrates sempre dizia exatamente o que pensava, isto é, sem rodeios e sem *tournures de phrase* muito formais ou rocambolescas.

Ademais, a tradução consegue preservar termos conceituais centrais do vocabulário platônico sem comprometer a clareza do texto o que, vale reiterar, favorece sua utilização em contextos pedagógicos. Soma-se a isso um aparato editorial robusto: a introdução e as notas explicativas contextualizam adequadamente as passagens mais complexas do diálogo, bem como suas referências culturais, históricas e filosóficas, o que se mostra particularmente útil para

leitores que não dominam o grego antigo ou a literatura secundária especializada. A edição se destaca por sua integração com a recepção contemporânea da obra, evidenciada por cursos, seminários, entrevistas e lançamentos em universidades, o que demonstra um esforço consistente de inserir o *Fédon* no debate filosófico atual no Brasil e amplia a circulação e o impacto do volume no meio acadêmico. Por fim, as opções editoriais dialogam de modo mais direto com o contexto universitário brasileiro, o que contribui para a inserção da obra em contexto nacional.

Ao mesmo tempo, a edição apresenta características que merecem ser consideradas pelo leitor. Como toda tradução comentada, a edição implica escolhas interpretativas que tendem a privilegiar determinadas leituras do diálogo. Leitores orientados por abordagens hermenêuticas distintas — mais literárias, mais analíticas ou mais estritamente historicistas — poderão discordar de algumas opções de tradução, bem como de algumas ênfases presentes na introdução e em certas notas, o que, de toda forma, é sempre salutar em nosso meio. O volume não se propõe a oferecer uma leitura radicalmente inovadora do diálogo, optando antes por um viés equilibrado e marcadamente docente, o que a torna acessível e segura para um público amplo, mas pode frustrar aqueles que buscam seja uma intervenção interpretativa mais ousada, seja um estudo mais detalhado do diálogo, tanto em termos filosóficos quanto filológicos. Além disso, a extensão das notas pode levar o leitor a alternar entre uma leitura contínua do texto e uma leitura mais detida do aparato crítico, o que configura dois ritmos possíveis de leitura.

Por fim, a tradução e o comentário de Cornelli chegam num momento oportuno para consolidar o *Fédon* no repertório de leituras obrigatórias em cursos sobre Platão no Brasil. A edição não revoluciona a interpretação do diálogo — e tampouco pretende fazê-lo —, mas oferece ao leitor contemporâneo um texto confiável, claro e bem amparado por notas e contextualizações que facilitam tanto a leitura fluida do culto e diletante quanto o trabalho crítico do especialista. Em suma: trata-se de uma edição com qualidade didática e filosófica, que deve ser consultada por quem estuda Platão em língua portuguesa.